

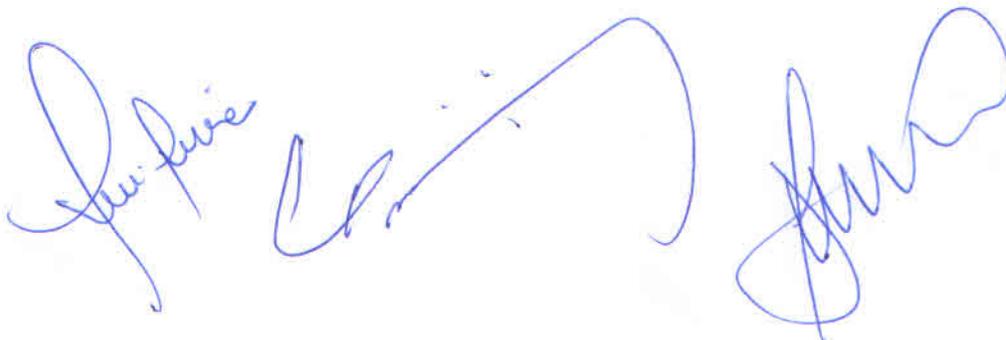
Ata da **REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA do Comitê de Investimentos** do Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba - IPMU, realizada aos trinta e um dias do mês de março de dois mil e catorze, às nove horas, na sala de reuniões da sede do IPMU, onde compareceram os membros, conforme Portaria IPMU nº 008/2014: Dirceu Sanches, Flávio Bellard Gomes e Sirleide da Silva. A Sra. Silvia Moraes Stefani Lima tem falta justificada por questão de trabalho junto à Secretaria Municipal de Educação. O Sr. Carlos Eduardo Castilho tem falta justificada por questão de trabalho junto à Câmara Municipal. Aberta a reunião, os membros do Comitê de Investimentos analisaram o **Relatório sobre o Mercado Financeiro e Carteira de Investimentos**, conforme processo IPMU/019/2014. **CENÁRIO ECONÔMICO.** Passado um início de ano turbulento, investidores têm mês de menor tensão em câmbio e juros. Após o choque dos mercados na abertura do ano, o mês de fevereiro parece ter acalmado em parte os ânimos dos investidores, ainda que a aversão ao risco não tenha se dissipado. Nos **Estados Unidos**, o rigoroso inverno afetou razoavelmente a atividade econômica, com os indicadores econômicos surpreendendo negativamente. A economia americana cresceu a uma taxa anualizada de 2,4% no último trimestre de 2013. Em 2013 completo, o PIB dos Estados Unidos cresceu 1,9%. Outros dados que tiveram influência do frio foi o mercado de trabalho. Mais uma vez, as fortes nevascas nos Estados Unidos atrapalharam a procura por trabalho em fevereiro, contribuindo para a elevação da taxa de desemprego, que passou de 6,6% em janeiro para 6,7% em fevereiro. Mesmo com dados econômicos fracos, o Fed - Banco Central Americano continuou a sinalizar que o processo de redução de compra de ativos continuará, mostrando confiança na recuperação econômica, e especialmente na redução do desemprego. Na **Europa**, a atividade econômica reage em ritmo moderado. O Produto Interno Bruto (PIB) da zona do euro cresceu 0,3% no último trimestre de 2013, após expansão de 0,1% nos três meses anteriores. Na União Europeia, houve crescimento de 0,4% entre outubro e dezembro de 2013. Os números ligeiramente mais fortes do PIB do 4º trimestre de 2013 compensaram o enfraquecimento mostrado pelos dados de alta frequência do varejo e indústria de dezembro e janeiro. O crescimento do PIB europeu abaixo do potencial em 2014 (é esperado PIB de +1% no ano) sugere desaceleração da inflação futura, com razoável risco de deflação. Na **Ásia**, a economia japonesa fechou 2013 com uma expansão de 1,5%, um desempenho levemente superior a 2012 quando o PIB cresceu 1,4%. O avanço do PIB em 2013 foi impulsionado pelos gastos



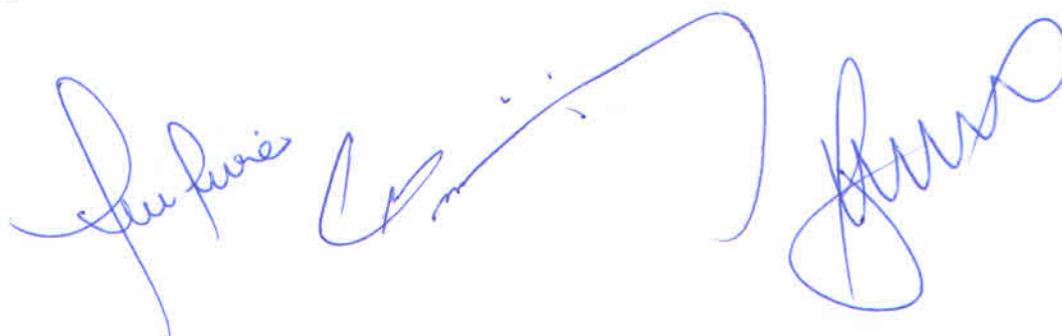
dos consumidores, que respondem por cerca de 60% da economia. Os dados frustraram o mercado e preocupações com a recuperação econômica do Japão começaram a surgir entre os economistas. O Banco Central Japonês, no entanto, entende que ainda não é hora de ajustes na política monetária que deve seguir inalterada pelo menos até abril quando a alíquota do IVA (imposto sobre consumo) subirá de 5% para 8%. Na **China**, o crescimento econômico esbarra em seus limites, mas com riscos sistêmicos que ainda parecem controlados. O elevado grau de endividamento da economia chinesa, principalmente no setor corporativo, e o perfil da dívida de curto prazo mantem os mercados apreensivos. Os dados da balança comercial chinesa de fevereiro foram bastante fracos, mesmo quando ajustado sazonalmente (o feriado de Ano Novo Lunar que tradicionalmente ocorre em janeiro ocorreu em fevereiro neste ano). Os números de inflação também foram mais baixos no período. A desaceleração do crescimento chinês continua representando risco para o cenário econômico mundial e preços de commodities. No **Brasil**, a grande discussão está em saber se o governo vai levar adiante a postura mais amigável ao mercado, de maior comprometimento com o lado fiscal ou se adotou um discurso com maior foco no curto prazo, para evitar um rebaixamento do país até as eleições. O ano de 2014 começou e a maioria dos países emergentes de vê mergulhado em profunda crise. O motor do crescimento que esteve nas mãos dos "países emergentes" desde 2008 voltou para os "países avançados", onde o destaque é a recuperação da maior economia do mundo, os Estados Unidos. Cabe ressaltar ainda, o efeito negativo da crise na Ucrânia nos mercados internacionais, uma vez que o grau de tensão nos mesmos se elevou. No mercado doméstico, o destaque foi a divulgação do Produto Interno Bruto - PIB, que registrou crescimento de 2,3% em 2013. A taxa ficou acima do previsto pelo mercado, mas não a ponto de minar as desconfianças acerca da condução da política econômica. Outro destaque foi o aumento da taxa Selic de 10,50% a.a para 10,75% a.a. Foi o oitavo aumento consecutivo, todavia o Comitê de Política Monetária reduziu o ritmo da alta e não se comprometeu com o fim do ciclo, deixando a porta aberta tanto para "mais algum ajuste" quanto para a "manutenção" da taxa básica no encontro de abril. Foram divulgados os dados do Produto Interno Bruto (PIB) no ano de 2013. No período o PIB cresceu 2,3%. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do mês de fevereiro apresentou variação de 0,69% e ficou 0,14% acima da taxa de 0,55% registrada em janeiro de 2014. No acumulado do ano, houve aumento de 1,24%, abaixo da taxa de 1,47% de mesmo período de 2013. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC)



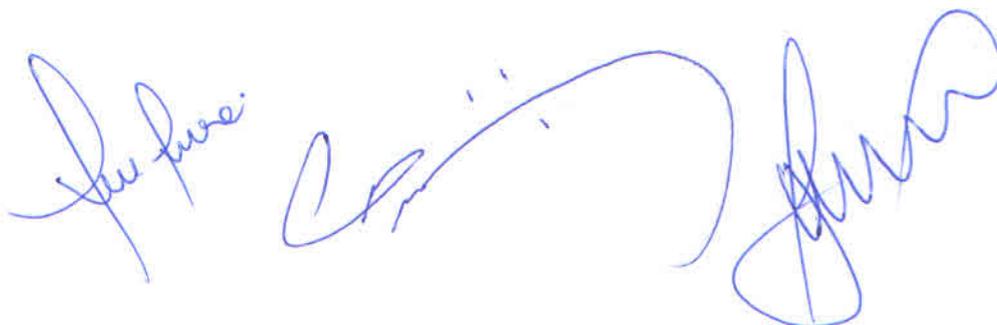
apresentou variação de 0,64% em fevereiro com leve alteração em relação à taxa do mês anterior, de 0,63. Com isto, a variação acumulada no ano é de 1,27% e, em 12 meses, registrou elevação de 5,38%. A Taxa de Meta Atuarial indexada ao INPC (INPC+6% a.a.) variou 1,10% no mês, acumulando 2,26% no ano. Com os juros básicos agora no maior patamar em mais de dois anos, especialistas indicaram que não é preciso fazer mágica para aproveitar as oportunidade ao menos de curto prazo, e reforçam que o ambiente macroeconômico ainda inspiram cautela. O ponto mais importante do investidor em 2014 é a liquidez. Se por um lado a taxa de juros está maior, o cenário está mais difícil e os investidores aceitam abrir mão de uma rentabilidade maior para garantir liquidez. Para os analistas financeiros, a leve melhora dos mercados em fevereiro é apenas momentânea. O anúncio da meta de superávit primário e o corte no orçamento anunciadas no mês proporcionaram um alívio no câmbio e nos juros. Com tantos eventos importantes para acontecer como copa e eleições, o ano de 2014 será passageiro. Assim como em 2013, o investidor tende a circular entre produtos conservadores, como os fundos "CDI" e "IRFM. O investidor quem tiver olhar mais para 2015, contudo, pode começar a diversificar os recursos em fundos de renda variável (ações e produtos estruturados). **RENDA FIXA.** O segmento se comportou de maneira positiva no mês, com os principais índices apresentando elevadas altas. De certa maneira o melhor comportamento do mercado se deve a divulgação do Plano de Contingenciamento Orçamentário feito pelo governo federal que propôs uma redução de R\$ 44 bilhões de reais dos gastos públicos federais, elevando o saldo primário (antes do pagamento de juros) em quase R\$ 23 bilhões de reais, além da promessa do Ministro da Fazenda de alcançar um superávit primário de 1,9% do PIB em 2014. Com a comunicação das medidas houve uma reação positiva do mercado, expressa na queda das taxas futuras de juros. As medidas divulgadas também causaram um fortalecimento do real frente ao dólar. Importante pontuar que caso as medidas informadas pelo governo não se concretizem, fortes oscilações negativas podem voltar com mais força em um futuro não muito distante, levando em conta que o cenário ainda é de vulnerabilidade para diversos segmentos do mercado financeiro. Do ponto de vista externo, a melhora da percepção de risco do país permitiu a entrada do investidor estrangeiro nos títulos da Dívida Pública e contribuiu para o fechamento dos prêmios de risco da curva de juros, principalmente a curva de longo prazo. Para isso, o anúncio formal do Governo do compromisso fiscal com a definição da meta de superávit primário de 1,9% do PIB e com o contingenciamento do orçamento, foram decisivos para



esta melhora. Internamente, os fracos dados de atividade e a ausência de dados negativos em relação à inflação, contribuíram para que o Mercado voltasse a projetar a hipótese de um aumento menor dos juros. Apesar do comportamento favorável da curva de juros no mês de fevereiro, ainda não temos uma tendência de baixa para a curva, devido ao temor do mercado com relação ao setor elétrico e a preocupação quanto à divulgação de índices de inflação. O retorno médio embutido nas taxas de juros dos títulos do IRF-M é de 12,22%aa para uma prazo médio de 481 dias. Os fundos IRF-M 1, apesar do comportamento favorável da curva de juros no mês de fevereiro, ainda não tem uma tendência de baixa para a curva de curto prazo. O índice pode ser impactado pela divulgação de índices de inflação acima do esperado. A taxa média de curto prazo está em 11,07%aa para um prazo médio de 114 dias (um pouco mais de 5 meses) e projeta uma sequência de mais duas altas de 25pbs nas próximas reuniões do Copom (meta de juros indo para 12,25%aa em junho de 2014). Nos fundos IMA-B, a manutenção da estabilidade nas taxas de juros dos títulos do governo norte-americano, permitiu que os mercados de risco nos países avançados tivessem um desempenho satisfatório no mês de fevereiro. Entre os emergentes, dados de atividade na China continuaram sinalizando um menor ritmo de crescimento para o gigante asiático neste início de ano. No Brasil, nem mesmo a divulgação do PIB do 4º trimestre, alta de 0,7% (acima do consenso de 0,3%), foi suficiente para reverter a preocupação com o crescimento brasileiro neste ano. A sinalização de uma postura fiscal mais austera dada pelo anúncio do contingenciamento ao orçamento melhorou temporariamente o clima em relação ao país, mas dados fiscais de janeiro bem abaixo do esperado já trouxeram dúvidas com relação a essa visão. O mês de fevereiro foi bastante positivo com fechamento de taxa ao longo de toda a curva. Os ganhos nominais foram significativos, inclusive revertendo os resultados negativos de janeiro. Nos vencimentos mais curtos, dados fracos de atividade e diminuição do ritmo de alta da taxa de juros contribuíram para o movimento observado na curva. Nos vencimentos mais longos, a melhora na percepção de risco país aliado ao contexto doméstico foram determinantes para a redução nos prêmios. Para o mês de março, espera-se que a aversão ao risco global e as incertezas com relação à condução das políticas Fiscal e Monetária por parte do Banco Central brasileiro continuem trazendo volatilidade aos preços dos ativos domésticos. **RENDA VARIÁVEL.** Em fevereiro, o IBOVESPA bem que tentou, mas não conseguiu manter a alta acumulada na primeira quinzena do mês, virando para o campo negativo. A aversão ao risco continuou forte entre os investidores e a Bolsa de Valores



brasileira segue com volatilidade. O Ibovespa sofreu seu quarto revés consecutivo, embora com variação mais suave que a queda de **-7,5% em janeiro**. O índice **recuou -1,14% em fevereiro**, para 47.094 pontos, perfazendo uma queda no **ano de -8,57%**. Seguindo o caminho inverso do Ibovespa, as principais bolsas internacionais subiram: nos EUA (índice Dow Jones acumulou 3,97% de alta, S&P500 4,26% e Nasdaq 4,74%), na Europa (DAX 30 da Alemanha subiu 5,04%, enquanto CAC 40 da França subiu 6,76%), na China (Shanghai Comp subiu 1,13%) e no Japão (índice Nikkei foi a exceção fechando em queda de -0,50%). **Para os analistas de mercado, o momento atual exige cautela e disciplina. É preciso ter visão** de longo prazo, paciência, firmeza e uma dose de coragem para olhar as entrelinhas e buscar os exageros do mercado. Eles apontam que existem três vetores diferentes que influenciam os preços dos ativos: econômico, político e financeiro. Na renda fixa os principais indicadores apresentaram desempenho positivo: IRFM 1 (1,06%), IRFM Total (2,17%) IRFM 1+ (2,84%), IMA-B 5 (2,86%), IMA-B Total (4,43%) e IMAB-5+ (5,59%). Na renda variável, os principais indicadores apresentaram desempenho negativo, menos o imobiliário que fechou o mês com valorização: IBRX-50 (-0,14%), Dividendos (-2,20%), Small Caps (-0,99%), Ibovespa (-1,14%) e Imobiliário (3,03%). A **Carteira de Investimentos do IPMU**, apresentou **forte valorização dos ativos financeiros**, no segundo mês do ano, resultando na elevação do patrimônio financeiro, que passou de **R\$ 186.600.192,10** (cento e oitenta e nove milhões seiscentos mil cento e noventa e dois reais e dez centavos) em janeiro, para **R\$ 195.196.341,60** (cento e noventa e cinco milhões cento e noventa e seis mil trezentos e quarenta e um reais e sessenta centavos) em fevereiro. **Enquadramento das Aplicações Financeiras.** Com exceção das aplicações no segmento de fundos de crédito privado (desenquadramento passivo), todas as demais aplicações financeiras estão enquadradas conforme Resolução CMN 3.922/2010. **Fundos de Crédito Privado.** Conforme apontamento do Ministério da Previdência Social, as aplicações nos ativos Fundo de Investimentos - Renda Fixa "Crédito Privado" estão em desacordo com o Artigo 7º, inciso VII, alínea "b" (aplicação superior a 5% do total dos recursos do RPPS), nos bimestres de "maio/junho", "julho/agosto", "setembro/outubro", "novembro/dezembro" de 2013 e "janeiro/fevereiro" de 2014. As aplicações neste segmento, foram iniciadas em junho de 2011, representavam 4,70% do recursos do IPMU, enquanto a Resolução 3.922/2010, permitia uma aplicação de até 5,00% dos recursos. O percentual aplicado ficou dentro do limite permitido, entre os meses de junho/2011 até o mês de maio/2013. Entretanto, considerando que os fundos de renda fixa e



os fundos de renda variável, apresentaram performance negativas no período de janeiro a dezembro de 2013 e continuam apresentando em 2014, o enquadramento foi alterado significativamente. No ano de 2013 o percentual do patrimônio aplicado no segmento de crédito privado foi: 4,69% (janeiro), 4,78% (fevereiro), 4,85% (março), 4,85% (abril), 5,04% (maio), 5,22% (junho), 5,17% (julho), 5,29% (agosto), 5,26% (setembro), 5,17% (outubro), 5,14% (novembro) e 5,36% (dezembro). No ano de 2014 o percentual do patrimônio aplicado no segmento de crédito privado é: 5,36% (janeiro) e 5,20% (fevereiro). Apesar do Desenquadramento à Resolução do CMN nº 3.922/2010, ser irregularidade impeditiva à emissão do Certificado de Regularidade Previdenciária - CRP, o Ministério da Previdência Social, **renovou o Certificado de Regularidade Previdenciária - CRP em 24/03/2014**, por mais 6 (seis) meses, **vencendo em 20/09/2014**. Conforme levantamento financeiro, o enquadramento das aplicações somente ocorrerá, quando o PATRIMÔNIO FINANCEIRO, superar o valor de R\$ 205.000.000,00 (duzentos e cinco milhões de reais). Ato contínuo, os membros do Comitê de Investimentos aprovaram por unanimidade a **Estratégia de aplicação** para o mês de abril: 1-) aplicar o valor dos juros semestrais dos títulos públicos com vencimento para 2021, que será creditado na conta do IPMU da Caixa Econômica Federal, no dia 01/04/2014, com valor estimado de R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) no fundo **Caixa Fundo de Investimentos Brasil DI LP** e 2-) Os recursos referentes ao pagamento das contribuições previdenciárias da Prefeitura Municipal, no valor estimado de R\$ 870.000,00 (oitocentos e setenta mil reais), que serão creditados na conta do Banco Santander, deverão ser alocados no fundo **Santander Corporate DI**. A justificativa para as alocações dos recursos em fundos de curto prazo "DI", é que os fundos atrelados à família "IMA" ainda tendem a apresentar volatilidade no curto e médio prazo e os recursos serão utilizados no curto prazo, para pagamento da folha dos inativos e custear as despesas administrativas. Com relação às demais aplicações financeiras, foi deliberado a manutenção, até a próxima reunião. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a reunião e para que conste, eu, Sirleide da Silva, que secretariei os trabalhos, lavrei a presente ata que após lida e aprovada, vai por mim assinada, e pelos demais.

